

# ALGUMAS PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA DOS SURDOS A PARTIR DE UMA OBRA DE LITERATURA INFANTIL

GT 7- EDUCAÇÃO DE SURDOS

Maria do Socorro Leal Cabral  
Professora da EDAC<sup>1</sup>  
mscoca@ig.com.br

Kledson de Albuquerque Alves  
Professor de LIBRAS da Escola Municipal de Educação Infantil e de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos Padre Edwards Caldas Lins  
kledson.bear@gmail.com

## RESUMO

Por conquista histórica das pessoas surdas, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi reconhecida pela nação brasileira como a primeira língua (L1) da pessoa surda, sob a publicação da Lei nº 10.436, de 24/04/2002 e a Lei nº 10.098, de 19/12/2002. Os surdos estão inseridos numa sociedade em que a língua predominante é a portuguesa, precisando ser bilíngues aprendendo a língua portuguesa escrita como sua segunda língua (L2). O ensino da L2 aos alunos surdos requer a consciência de que a metodologia utilizada precisa ser diferente, no sentido de adequar-se ao jeito de aprender do surdo que não tem registros sonoros para orientar a aquisição da escrita do português. Também precisa de estímulos para que estes alunos se sintam motivados a aprender L2. Neste aspecto a utilização da Literatura Infantil é relevante. Por isto, este trabalho objetiva apresentar algumas propostas de atividades de ensino da L2 aos surdos a partir de ações que envolvam um conto adaptado à Cultura Surda, bem como dos incentivos que ele possa sugerir no processo de letramento do surdo em relação à língua portuguesa escrita. Para oferecer apoio teórico e prático os autores mais utilizados foram KARNOPP (2010), QUADROS (2006) e SILVA (2010). A socialização dessas propostas oferece orientações sobre o modo como utilizar o conto para o aluno surdo alcançar letramento da língua portuguesa e para criar obras literárias que poderão construir um arsenal literário da Cultura Surda para a escola onde estuda.

**Palavras Chaves:** Literatura Infantil Surda. Ensino da Segunda Língua. Alunos surdos.

## ABSTRACT

For historical achievement of deaf people, the Brazilian Sign Language (Libras) was recognized by the Brazilian nation as the first language (L1) of the deaf person under the publication of Law No. 10.436, of 24/04/2002 and the Law 10.098, 19/12/2002. The deaf are embedded in a society where the predominant language is Portuguese, needed to be bilingual learning writing as their second language (L2) English language. The teaching of deaf students to L2 requires the awareness that the methodology needs to be different, to fit the way to learn the deaf that has no sound records to guide the acquisition of written Portuguese. Also need incentives for these students feel motivated to learn L2. In this respect the use of Children's Literature is relevant. Therefore, this study presents some proposals for L2 teaching activities of the deaf from actions involving an adapted story to Deaf Culture as well as the incentives that he can suggest in the process of literacy of the deaf in relation to written Portuguese language. To provide theoretical and practical support the authors were more used KARNOPP (2010), QUADROS (2006) and SILVA (2010). The socialization of these proposals offers guidance on how to use the tale to deaf students achieve literacy of the Portuguese language and to create literary works that can build a literary arsenal of Deaf Culture to school where he studies.

**Deaf Children's Literature:** Key Words. Teaching a Second Language. Deaf students.

---

<sup>1</sup> EDAC corresponde a Escola Estadual de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima, escola especial para alunos surdos de Campina Grande-PB.

## **Introdução**

Embora ainda haja discrepância entre o que a Lei de Inclusão prescreve em relação à efetivação do ensino inclusivo nas escolas do nosso país e o modo como ele tem sido realizado na maioria das escolas, não podemos ficar de braços cruzados a espera de melhorias para poder começar a fazer alguma coisa. Devemos, sim, prestar a nossa contribuição na medida do possível para que o ensino inclusivo evolua na sua categoria de cada vez mais adequar-se às necessidades da aprendizagem do aluno surdo.

Ensino inclusivo aos surdos requer preocupações sobre as aquisições da língua de sinais, como L1<sup>2</sup> do surdo, e a da língua portuguesa escrita, como L2. No Brasil quando uma instituição escolar se diz inclusiva, implica comprometimento com o ensino e a aprendizagem da Libras (Língua Brasileira de Sinais) e da Língua Portuguesa. Considerando o aluno surdo, Libras corresponde à sua L1 enquanto a Língua Portuguesa, mas na modalidade escrita, corresponde à sua L2.

Para ensinar a Língua Portuguesa escrita ao aluno surdo o professor não deve perder de vista o fato de que este aluno não pode ser submetido à mesma metodologia que é utilizada para o aluno ouvinte, simplesmente pelo fato de, diferentemente do ouvinte, o surdo não possui registros sonoros nos quais possa se apoiar para compreender o sistema alfabético que caracteriza a escrita da Língua Portuguesa.

Para querer aprender uma língua para a qual não possui habilidades natas o aluno surdo precisa ser estimulado através de recursos que estejam correspondentes a interesses que se lhe adequem aos incentivos visuais e à cultura surda. Sob esta perspectiva, o objetivo deste trabalho é ofertar a professores e demais pessoas interessadas algumas propostas de atividades de ensino da Língua Portuguesa escrita aos surdos, utilizando uma obra da Literatura Infantil que foi adaptada à Cultura Surda, explicando seus respectivos incentivos para que esse avance no processo de letramento<sup>3</sup> em relação à L2 e contribua

---

<sup>2</sup> L1 e L2 devem ser compreendidas como sendo a primeira e a segunda língua dos surdos. A primeira corresponde àquela para a qual ele possui input natural. As informações e experiências que a criança recebe do meio ambiente é denominado input. Assim, input linguístico abrange as experiências proporcionadas pelo uso que as outras pessoas fazem da linguagem em suas interações, principalmente ao se comunicar com o próprio sujeito. Enquanto o sujeito ouvinte possui habilidade natural para a linguagem oralizada o surdo a possui para a linguagem sinalizada. A segunda língua dos surdos corresponde à língua dos ouvintes, a qual também precisa aprender para se dar bem numa sociedade predominantemente ouvintista.

<sup>3</sup> Letramento não é somente saber ler e escrever, no sentido de codificar e decodificar uma língua na modalidade escrita, mas, também, fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita.

para a criação e/ou o enriquecimento do conjunto de obras literárias surdas para a escola em que estuda.

Em termos de contribuições teóricas e práticas selecionadas para apoiar as nossas considerações, escolhemos autores como KARNOPP (2010), QUADROS (2006) e SILVA (2010).

### **Sobre a obra de Literatura Surda utilizada**

Nem sempre foi fácil se encontrar obras da Literatura Infantil para utilizar no processo de ensino da escrita da língua portuguesa aos alunos surdos. Hoje o recurso tecnológico da internet já oferece condições não só de encontrar obras literárias contendo aspectos da literatura surda, mas, também de construir essas histórias através de programas tecnológicos que possibilitam a criação de imagens bem como a aquisição e remodelagem destas através de programas afins, sendo esses possíveis de serem utilizados tanto para construções escritas como filmadas em DVD.

Existem três tipos de Literatura Infantil que podem ser utilizados para servir de estímulos visuais ao ensino da língua portuguesa a alunos surdos:

- a) as que são criadas pelos ouvintes e refletem a cultura dos ouvintes;
- b) as que são adaptadas para a cultura dos surdos;
- c) as que são autênticas da cultura dos surdos.

No nosso caso trata-se de uma obra que foi adaptada para a cultura dos surdos. Esta foi elaborada para cumprir uma atividade proposta por uma das disciplinas relacionadas à Literatura Surda do curso de Letras/Libras da UFPB. Três alunos da turma pioneira (sendo dois ouvintes e um surdo) criaram um livro, para ler e colorir, contendo a história intitulada “Os Três Porquinhos Surdos”. Esta foi adaptada da história “Os Três Porquinhos”, tão conhecida pelas pessoas ouvintes.

O conto adaptado retrata realidades da história do povo surdo, no que concerne ao seu sofrimento, lutas e vitórias para garantir o direito de usar a língua de sinais na sociedade ouvintista. Reflete ludicamente o curso da trajetória histórica que os surdos vivenciaram até o estabelecimento legal do direito do surdo usar a língua de sinais como a sua L1.

---

Deste modo, esta obra está adequada a ser utilizada em salas do ensino fundamental e médio, já que envolve assunto relacionado à História Surda.

Para que o leitor a conheça na íntegra, a seguir apresentamos o texto que lhe corresponde.

### Os Três Porquinhos Surdos

Era uma vez três porquinhos surdos: **Bi**, **Lin** e **Guismo**.  
Eles eram irmãos e moravam na floresta, para não serem forçados a aprender a falar.  
Eles souberam que na floresta tinha um lobo chamado **Oralismo** que odiava língua de sinais.  
Por isto ele perseguia os surdos para obrigá-los a aprender a falar.  
**Bi** é um surdo preguiçoso. Ele fez sua casa de palha, para se proteger do **Oralismo**.  
**Oralismo** chegou à casa de **Bi** e quis forçá-lo a oralizar, mas **Bi** não saiu de casa.  
Zangado, **Oralismo** derrubou a casa de **Bi** num só assopro.  
Assustado, porque não queria aprender a falar, o porquinho preguiçoso correu para a casa de **Lin**, seu irmão do meio que construiu uma casa de madeira.  
Os dois porquinhos conversaram muito em LIBRAS.  
**Oralismo** ficou muito raivoso com isto e resolveu forçar os dois porquinhos a oralizar.  
Com a raiva que estava **Oralismo** assoprou, assoprou, até derrubar a casa de **Lin**.  
Assustados, **Bi** e **Lin** correram para se proteger na casa de **Guismo**, que era de tijolos.  
**Guismo** ficou surpreso com os irmãos irrompendo casa adentro. Por isto perguntou:  
O que aconteceu?!  
Afobados **Bi** e **Lin** falaram de uma só vez:  
**Oralismo** quer nos pegar para forçar a aprender a falar!  
**Oralismo** viu os três usando LIBRAS e ficou furioso!  
Arre! Agora são três! Vou obrigá-los a oralizar!  
Enquanto os irmãos conversavam dentro da casa, **Oralismo** ameaçava assoprar se eles não saíssem para aprender a falar.  
Mas os porquinhos surdos nem ligaram para o **Oralismo** e sinalizaram, sinalizaram...  
Os porquinhos riram do **Oralismo** e disseram:  
Nunca você nos vencerá! Usaremos LIBRAS sempre, sempre!  
Furioso **Oralismo** assoprou, assoprou cada vez mais forte, mas a casa não cedeu.  
Continuou firme como a rocha.  
E os porquinhos continuaram a sinalizar, sinalizar, cada vez mais!  
Determinado, **Oralismo** resolveu atacar pela chaminé da casa.  
E falava:  
Eu vou vencê-los! Vou fazê-los deixar a LIBRAS e oralizar!  
**Oralismo** teve uma surpresa: os porquinhos haviam preparado um caldeirão com água fervente na lareira.  
**Oralismo** se ferrou caindo no caldeirão e ficou muito queimado.  
Daquele dia em diante **Oralismo** ficou com medo da força dos porquinhos surdos e resolveu sumir e nunca mais pensar em obrigá-los a falar.  
Os porquinhos comemoraram a vitória: era **26 de setembro**, data que comemoram festivamente até hoje!  
Daquele dia em diante os porquinhos passaram a visitar a cidade e a todos os lugares onde tinham surdos.  
Eles sempre estão participando de festas e eventos da cultura surda.

(ALVES, CAMPOS e MEDEIROS, 2013, p.1 a 19)

Partindo desta criatividade literária, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a importância da utilização da Literatura Surda no ensino bilíngue, mais especificamente no ensino da língua portuguesa como L2. Também pensamos em possibilidades de usar a história dos “Três Porquinhos Surdos” no ensino de L2 em sala de aula de uma escola específica a alunos surdos, quando esses apresentam razoável domínio da Libras.

## **Sobre apoio bibliográfico**

De acordo com Silva (2010), numa condução pedagógica bilíngue as crianças surdas devem ser submetidas ao letramento na L1 e na L2, significando propiciar o letramento da língua portuguesa ao surdo criando condições através das quais elas formem sentidos na língua de sinais. Daí, o letramento da L2 por parte da criança surda requer desta a capacidade de organizar suas ideias e pensamentos pela sua L1, já que o processo de aquisição da L2 vai emergindo pela descoberta da L1 e nas relações que são firmadas através da língua de sinais. Esta situação cognitiva envolve não só uma transferência de conhecimentos da L1 para a L2, mas, também, um seguimento paralelo de aquisição e aprendizagem no qual as duas línguas apresentam papéis e valores sociais que, especificamente, lhes são inerentes.

Desta forma, os recursos visuais como desenhos, fotos, cartazes, vídeos, e outros, constituem-se em materiais auxiliares imprescindíveis também no ensino da língua portuguesa escrita a alunos surdos. Quando esses são construídos pelo professor e aluno surdo, juntos, a proposta adquire maior relevância para a escrita da L2, gerando resultados mais expressivos para a aprendizagem da mesma. Assim,

na prática pedagógica, os alunos deverão ter experiências com o uso e funções da leitura e da escrita no meio social, através de leitura de textos, de contos, releitura dos mesmos, da utilização do dicionário de língua de sinais, o sinal e a palavra, ou o desenho e a palavra, e também a escrita em LIBRAS, jogos para o desenvolvimento da consciência grafêmica, léxico-semântica e morfológico-sintática além de participar e observar ações de leitura, criar e utilizar uma biblioteca em sala de aula, conhecer as principais convenções da escrita: direcionamento, horizontalidade, tipo de escrita, sinais de pontuação, etc., reconhecer palavras, letras e sílabas. (SILVA, 2010, p. 07)

Neste caso, é interessante deixar claro que o sentido desse processo ocorre pela ênfase à Libras

usada na escola para aquisição das línguas, para aprender por meio dessa língua e para aprender sobre as línguas. A língua portuguesa, portanto, será a segunda língua da criança surda sendo significada pela criança na sua forma escrita com as suas funções sociais representadas no contexto brasileiro (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 17).

Nessa direção, a literatura infantil ganha importância como tema central

sendo ela a desencadeadora de questões que desafiam o processo de interação do sujeito surdo com o mundo e com isso levam a um processo de assimilação e por isso na construção de conhecimento. (...) Nesse sentido, a literatura infantil foi tomada como instrumento mediador, já que, além de divertir os pequenos leitores, leva-os, de maneira lúdica, a perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, sua necessidade de autoafirmação ou de segurança. (SILVA, 2010, p. 07 e 08)

Karnopp, traduz literatura surda como sendo a que corresponde à produção de textos literários que traduzem a experiência visual específica a um grupo de pessoas surdas que possui um sistema linguístico e cultural diferente, o que possibilita a enunciação de representações que lhes são específicas, sendo, por isto, diferentes das representações da comunidade constituída pelas pessoas ouvintes.

Refletindo histórias de comunidades surdas, as obras da Literatura Surda denotam modelos e valores históricos, significados e ressignificados por surdos ao longo dos tempos, dependendo das mudanças que caracterizam dado momento histórico. Assim, através de uma literatura dinâmica e histórica, os sujeitos surdos transmitem modelos e valores históricos através de piadas e anedotas, de conhecimentos de fábulas ou conto de fada, passados através da família, da escola e/ou de agrupamentos específicos ao modo dos surdos se confraternizar. Nesse processo,

[...] percebe-se que surdos contadores de histórias buscam o caminho da auto representação na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem. (KARNOPP, 2010, p. 172)

A utilização de histórias infantis em sala que tem aluno surdo requer do professor perspicácia para escolher aquelas que sejam inerentes à realidade dos Surdos, além de evidenciar explorações visuais adaptadas pelos recursos e materiais pedagógicos adequados à prática de educação para surdos. A escolha das histórias também requer o reconhecimento dos interesses literários e a faixa etária dos alunos, no propósito de reforçar a relação com a história versada.

A elaboração e/ou a narração das histórias requer o estabelecimento de objetivos inerentes ao propósito de abordar valores, atitudes, informações, sentimentos, conhecimentos de mundo da experiência de vida dos alunos surdos. No trabalho pedagógico com obras da Literatura Surda, também é relevante considerar que

um procedimento importante é o reconto da história pelos alunos, sendo considerada uma estratégia utilizada na organização dos esquemas narrativos, do pensamento, da expressão e também para a ampliação do vocabulário em língua de sinais. Neste sentido, vale destacar que os alunos podem também recriar novas histórias, mesmo não sabendo ler ou escrever, tendo como base as suas experiências de mundo, sua imaginação, retratando as percepções do ambiente que o cerca. (SILVA, 2010, p. 10)

Os esclarecimentos teóricos desenvolvidos até agora possibilitam a ideia de que ensinar L2 aos surdos sem metodologias desenvolvidas a partir de obras da Literatura Infantil torna o ensino e a aprendizagem morosos e desinteressantes.

### **Algumas atividades de ensino da língua portuguesa escrita a alunos surdos**

Ampliando as possibilidades de utilizar o conto “Os Três Porquinhos Surdos” em atividades que são inerentes ao ensino de português nós podemos citar as duas que se seguem. Entendemos que, ao fazermos isto, estaremos contribuindo no sentido de esclarecer ao leitor o modo como pode ser viabilizado o ensino da L2 aos surdos a partir de obras da Literatura Surda

1ª – *Noção da estrutura, conteúdos, características formais e convencionais dos textos escritos em língua portuguesa*

- Identificação do título, dos nomes dos autores e dos personagens do conto, observando suas escritas com letra inicial maiúscula, compreendendo o emprego desta regra na L2;
- contagem dos parágrafos que constituem a história, percebendo que estes iniciam com letra maiúscula e se apresentam sob um leve recuo para a direita;
- reconhecimento de onde se encontra na história suas partes constituintes, a saber: introdução desenvolvimento e conclusão;
- feitura de exercícios estruturais para internalizar regras gramaticais

<b>Bi</b>	fazer/passado	casa de palha	Ele	fazer/futuro	casa de tijolo
<b>Bi e Lin</b>	fazer/passado	casa de palha	Eles	fazer/futuro	casa de tijolo

- exploração das situações nas quais foram usados dois pontos, travessão e exclamação. Procurar na internet parte de textos curtos que utilizem esses recursos e apresentá-los em sala;
- ordenação das frases do final da história, segundo o conto da mesma.

## 2ª – Favorecendo o reconhecimento do valor e da funcionalidade da língua portuguesa escrita

### I - Leitura do conto mediada pela Libras:

- leitura progressiva<sup>4</sup> como se fosse capítulo de novela;
- destaque do português a partir de referências visuais;
- destaque das palavras conhecidas e ler a partir delas;
- destaque de palavras desconhecidas e ignorá-las numa primeira leitura geral do texto. Posteriormente, discutir sobre as palavras desconhecidas e contrastar com a leitura realizada previamente sem o uso das mesmas;
- respostas (em Libras) de perguntas inerentes à interpretação dos sentidos do texto, bem como à construção de sentidos a partir da leitura;
- reconto (em Libras) da história sob diferentes perspectivas: em sala espontaneamente; em casa pelo uso do livro; pela dramatização e exibição da sua filmagem; de sala em sala através do livrão construído pelos alunos a partir da xerocópia ampliada do livro original e refazendo o cenário com colagem papel crepom verde para a floresta, palha, palito de picolé e argila para as casas, papel laminado para caldeirão, papel celofane azul para a água, amarelo e vermelho para o fogo;
- reconstrução do final da história (em Libras).

### II- Produções de textos escritos em português:

- escrita de diálogos entre os personagens, seguindo-se da apresentação da produção em Libras pelos alunos e reescritura coletiva (professor e alunos) de pelo menos uma dessas produções;
- escrita de diferentes gêneros textuais a partir da história: lista de materiais para construir casa feita de madeira ou de tijolos; carta (e/ou bilhete) dos porquinhos para Oralismo (ou vice versa); atestado médico para Oralismo; escrever uma

---

<sup>4</sup> Aqui, leitura progressiva deve ser aquela que promove à leitura de partes do conto, como se este estivesse sendo apresentado por capítulos, como é feito nas novelas. Inclusive, quando acabar a leitura de uma parte, o aluno deve ser submetido à mediação que o instigue a prever o que será apresentado na próxima parte a ser lida. Antes de proceder à leitura de uma parte seguinte deve ser realizada uma retrospectiva do que já foi lido anteriormente, havendo renovo na oportunidade de o aluno sugerir o que acontecerá na parte que hora será apresentada, através da leitura mediada pela Libras.



piada, poesia, envolvendo personagens e/ou situações pertinentes à história; um cartaz convidando as pessoas da escola para assistir à dramatização da história; escrever outra história dos porquinhos surdos após esses terem se livrado das pressões do Oralismo (narrativa escrita ou em História de Quadrinhos – HQ);

- culminância das atividades com exposição do material construído e exibição da filmagem da história.

### **Conclusão**

A aprendizagem da língua oral auditiva pelos alunos surdos não passa pela oralidade, mas pela escrita. Isto lhe garante aprender português escrito pelo mesmo canal de expressão da sua língua de sinais – o visual. Assim, mesmo com as limitações de estrutura e vocabulário que todo aprendiz de segunda língua apresenta, é possível trabalhar o ensino do português escrito aos surdos valorizando seus aspectos visuais como ortografia, pontuação, aspectos discursivos. Considerando isto, é possível ao surdo aprender a L2 com satisfação pela descoberta das utilidades que o português escrito pode lhe ocasionar no mundo moderno.

A inserção de obras da Literatura Surda nas atividades de ensino da L2 a alunos surdos é de extrema relevância, uma vez que é a partir delas que estes alunos poderão interagir com a L2 a partir dos significados sociais e culturais que as obras poderão ofertar. Isto lhe trará benefícios tanto pelo incentivo de aprender quanto pelos conhecimentos inerentes às duas culturas em que sobrevivem, lhes possibilitando, essencialmente, expressar a cultura da sua comunidade e o modo específico pelo qual veem e leem o mundo.

Infelizmente ainda é muito reduzido o número de professores que têm essa consciência e que sabem desenvolver uma metodologia adequada para ensinar L2 aos seus alunos surdos. Daí porque a socialização deste trabalho em eventos acadêmicos é tão importante, no sentido de esclarecer a relevância do uso do conto no ensino da L1 e do modo como isto pode ser feito.

#### **4. Referências**

ALVES, Kledson de Albuquerque; CAMPOS, Francisca Josseany da Silva e MEDEIROS, Maria Gorete de. **Os Três Porquinhos Surdos**. Livro produzido na disciplina Estágio Supervisionado III, do curso de Letras/Libras da UFPB de João Pessoa – Paraíba: 2013.

KARNOPP, Lodenir. Literatura Surda. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SILVA, Alessandra Cavalheiros da Silva, MEDEIROS, Marta Cleonice Martins e LORENAS, Vanise Mello. O desenvolvimento do processo de letramento do aluno surdo a partir das experiências visuais proporcionadas pela literatura infantil. **Revista de Educação do Ideau (REI)**. Vol5 – Nº 12- Julho – Dezembro, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideia para ensino português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006